

BOLETIME

boletim informativo do ime usp

produção do centro acadêmico da matemática, estatística e computação | maio.2024

Falta de água no IME

Envio de um convite para refletir sobre as diferentes realidades presentes no IME na forma de um relato sobre como é estudar de dia e de noite.

página 2

Duchamp e Tarsila

Uma resposta ao "Mas isto até eu faço!" da edição 10 do BoletIME.

página 3

Sessão Poesias

Poesia encontrada na parede do banheiro da sede do DCE Livre da USP.

página 4

Sobre carta da Comissão de Recepção

Crítica enviada sobre a maneira como o tema da Comissão de Recepção 2024 foi conduzida.

página 5

Novo projeto acadêmico para o próximo ciclo

Um convite para entender o que é um projeto acadêmico, onde o IME se encontra nisso, e como a comunidade como um todo pode e deve participar da sua construção. Foi marcada a 1ª reunião aberta do projeto acadêmico para 06 de junho, às 17h no saguão do Bloco B.

página 7

DCE Livre da USP: chapa Fazer Valer a Luta eleita para o mandato 2024/2025

Confira os resultados e estatísticas das eleições do DCE Livre da USP 2024.

página 8

Ao verme que primeiro
roeu as frias carnes
do meu cadáver dedico
como saudosa
lembrança este
BoletIME póstumo

Escreva sobre absolutamente tudo da USP, desde observações políticas, frustrações e alegrias com seu instituto, ou até mesmo o seu dia-a-dia como estudante da USP.



Falta de água no IME

por anônimo

O texto a seguir foi enviado via o forms de contato do BoletIME e não necessariamente condiz com a opinião do corpo editorial

Desde o ano de ingresso, sempre estudei de manhã como estudante do diurno. Neste último semestre, por conta de forças maiores e circunstâncias de vida, acabei tendo que pegar matérias de noite. Além do horário de aulas e horas de sono, muitas outras coisas que nunca imaginei ser o caso mudaram também. O transporte público na ida deixou de ser a superlotação das 6 da manhã. Em compensação, no entanto, o transporte de volta virou uma corrida contra o tempo, uma vez que o metrô fecha meia-noite - e a escassez de Circulares durante o período noturno não ajuda -. A disposição para fazer qualquer atividade durante a semana mudou, já que agora parece que meus dias não rendem tanto pela perda do período de tarde livre. Estar em uma sala de aula com pessoas novas e que nunca vi na vida também foi algo que, mesmo tendo a ciência de que aconteceria, foi um pequeno choque de qualquer forma.

Houveram muitos dias em que fui olhar o cardápio dos bandejões de almoço ao invés do jantar. Mas mesmo quando lendo o cardápio certo, às vezes simplesmente não conseguia chegar a tempo de comer e assistir às aulas, e o fechamento da lanchonete às 21h faz com que não seja possível comer algo durante a troca de aulas no mesmo horário. Sobre isso, algo que tem ajudado muito, nesse sentido, foi o CAMat ter ampliado sua gama de alimentos para venda.

A inspiração para a escrita desse texto, no entanto, veio após ter saído da aula numa sexta-feira, ido ao banheiro, e perceber que não tinha água na torneira para lavar as mãos. Passei em todos os banheiros, e o mesmo se repetiu em todas as pias de todos os banheiros do Bloco B. No fim, consegui lavar as mãos somente no banheiro do Bloco A. Como nunca tinha acontecido isso comigo, fui conversar com meus veteranos sobre, mas ninguém pareceu surpreso com o fato, e pareceu ser algo que simplesmente acontece.

Por curiosidade, fui atrás para tentar entender melhor a situação, e descobri que, não só como é um problema que existe desde muito antes do meu ingresso, como também é

um problema conhecido, como mostra o repasse abaixo datada de 2020, encontrado no Telegram do CAMat:

“A falta de água, no período noturno, nos bebedouros do bloco B é um problema que se fez recorrente nos últimos semestres e o qual não obtínhamos quaisquer explicação por parte da diretoria do IME. Contudo, no último Conselho Técnico Administrativo (05/03), foi informado que a origem da falta de água é a SABESP, que diminui a pressão à noite, e que a equipe de manutenção do IME já está buscando resolver o problema - seja diretamente com a SABESP ou internamente. Além disso, foi pontuado que ainda nesse ano (2020) será instalada uma caixa d'água no bloco B - requerimento do corpo de bombeiros -, o que ajudará a solucionar o problema.”



post do telegram
Acervo CAMat

Quando converso esporadicamente com meus amigos do diurno - e que continuaram no diurno -, nenhuma dessas questões parecem ser evidentes para eles, do mesmo jeito que não foi evidente para mim antes de eu ter tido a necessidade de vir para noturno. Grande parte dessa separação, ao meu ver, se dá pela distância que existe entre as turmas do diurno e noturno. Não existe um diálogo muito forte entre as duas. São pessoas que vivem em realidades diferentes com necessidades diferentes. Como exemplo disso, lembro que na minha sala do diurno, poucos trabalhavam, ao ponto que na minha sala do noturno, trabalhar e depois vir para aula parece ser a regra. Isso, claro, não é uma crítica ao diurno, tampouco estou colocando juízo de valores. Apenas exponho que, na minha percepção, existem essas realidades diferentes, e que acredito ser importante para que, enquanto imeanos, entendermos a existência das outras realidades dos ambientes que frequentamos.

Duchamp e Tarsila

por Celestino B. Neto

O texto a seguir foi enviado via o forms de contato do BoletIME e não necessariamente condiz com a opinião do corpo editorial

Li com alegria o texto apócrifo recém publicado no BOLETIME, onde um anônimo especula sobre a ideia de um parentesco entre Arte e Matemática. É importante que haja porosidade entre o universo das “humanas” e o das “exatas”.

Assim como um de nós, que estude matemática, poderia se insurgir com a afirmação de que “não existe muita diferença entre números racionais e números reais, pois ambos podem ter vírgulas seguidas de vários números”, alguém, com algum conhecimento na área de “humanas”, poderia se incomodar com generalizações, ainda que bem intencionadas, nas áreas da literatura, e das artes plásticas.

“...Malgré ses affinités avec Dada ou les surréalistes, Duchamp reste un artiste indépendant...”[1]

Marcel Duchamp, artista independente, que flertou com diversos movimentos artísticos (dadaísmo, fauvismo e cubismo), foi quem introduziu os “ready made” [2] no universo das artes plásticas. A “Roda de bicicleta”, criada em 1913 [3] foi sua primeira manifestação. A proposta do artista era deslocar **“objetos comuns, com ou sem modificações mínimas, para dentro de espaços museológicos”** [4], com o intento de se aproximar do conceito de indiferença visual. Isso liberaria o artista do império da “arte retiniana”, aquela voltada ao deleite visual, convidando, por outro lado, os apreciadores a uma reflexão sobre a linguagem da arte, o que abriu a via para a consolidação da ideia de arte como conceito [5].

Assim, a obra “Roda de bicicleta”, no contexto em que se inseria, não se vincula à discussão utilidade/inutilidade de um determinado objeto, como insinua o texto apócrifo publicado. Não está aí o compromisso do fazer artístico. **“Duchamp... mostrou a obra de arte pronta [6] como um subproduto, resultado de uma “digestão” artística. A partir da intervenção do artista, o objeto, agora um trabalho artístico, incorpora um valor cultural.”** [7].



A Roda de Bicicleta, Marcel Duchamp

Já o “Abaporu”, de Tarsila do Amaral, foi concebido como presente ao seu então marido, o escritor Oswald de Andrade, que ao recebê-lo nomeou (junto ao poeta Raul Bopp) a obra à partir de vocábulos da língua tupi que significam “homem que come gente”, criando assim um vínculo com o Movimento Antropofágico **“que se propunha a deglutir a cultura estrangeira e adaptá-la ao Brasil”** [8].

Insinua o texto apócrifo, que Tarsila teria tido a intenção de retratar um Abaporu [9]. Sabe-se que esta obra, ícone do modernismo brasileiro, **“através do emprego de cores puras, das linhas simples, da captação sintética, sentimental e ingênua da realidade brasileira”** [10], nos passava uma mensagem plástica regionalista (brasileira), cujo conteúdo foi desvelado posteriormente por Oswald.



Abaporu, Tarsila do Amaral

Foi feliz a escolha de Duchamp e de Tarsila no texto apócrifo, dois marcos que são na produção artística do séc.XX, assim como a tentativa de inserção de elementos não matemáticos no ambiente do IME, como forma de alargar a visão limitada do mundo que somos levados a nutrir, em função da falta de tempo que a grade curricular nos impõe. Fica então uma sugestão: mais rigor nos “axiomas” que escolhemos ao fazer a “demonstração de um teorema” não matemático, se me permitirem esta transposição.

O mesmo rigor empregado no fazer da Matemática precisa ser valorizado na produção de textos e no uso da língua, no ambiente da Matemática, para que aquilo que escrevemos tenha recepção adequada e relevante nos ambientes acadêmicos menos afeitos aos números, mas absolutamente comprometidos com o rigor das proposições.

Sobre o autor: *Celestino Neto cursa atualmente, no IME-USP, o terceiro semestre de licenciatura em Matemática (noturno), é arquiteto formado pela FAU-USP e bacharel em Letras com habilitação em Português e Linguística pela FFLCH-USP.*

[1] Tradução livre: “...Apesar de afinidades com Dada ou os surrealistas, Duchamp continua sendo um artista independente”

[2] Tradução livre: “obra de arte pronta”

[3] E não em 1951 como informa o texto apócrifo.

[4] *Ready Made: Inclusão Ruidosa*; PELED, Yiftah, pg. 1724

[5] Enciclopédia Britannica para “Conceptual art”. Tradução livre: “arte conceitual tem sido descrita como um dos movimentos mais influentes do final do sécXX, uma extensão lógica do trabalho iniciado pelo artista francês Marcel Duchamp em 1914 para quebrar a primazia do perceptivo em arte.”

[6] “ready made”

[7] *Ready Made: Inclusão Ruidosa*; PELED, Yiftah, pg. 1727

[8] Programa de pos-graduação em artes visuais da UFBA

[9] “O Abaporu jamais foi visto em qualquer lugar, por mais remoto que seja, mas ainda assim Tarsila do Amaral foi capaz de retratá-lo”

[10] Abaporu e a “invenção” da arte brasileira; SILVA, Dalmo de Oliveira Souza e, pg. 540

Enigma do BoletIME - Resolva e ganhe 1 Trento

A primeira e a décima pessoa a apresentarem a solução correta do enigma abaixo para o CAMat (seja pelo envio no e-mail ou pessoalmente para algum membro da gestão) ganhará um Trento da lojinha do CAMat. Boa sorte!

Um professor do IME decidiu, após 4 anos lecionando, contabilizar quantas avaliações corrigira. O professor deu aula em todos os períodos para apenas uma turma, que sempre era composta de 40 alunos. Para avaliar seus estudantes, ele aplicou 2 provas durante o semestre, não ofereceu substitutivas e tem um sistema de atividades para que a pessoa escolha, dentre as quatro listas oferecidas, duas para serem feitas e corrigidas. Ele constatou que, em cada uma das suas avaliações (provas e atividades), exatamente 9 alunos estavam ausentes ou simplesmente não a entregaram. Curiosamente, o professor também sabe que apenas 9 alunos já fizeram a prova de recuperação.

O professor decidiu, então, conferir no sistema quantas avaliações haviam sido feitas, mas, infelizmente, o sistema apresentou falhas no armazenamento. Sabe-se que o sistema registra a quantidade de notas numa base 10, mas a falha acabou transformando os algarismos em letras de modo que letras iguais representam números iguais. Ademais, a falha também acabou multiplicando a quantidade de avaliações pelo número de estudantes que não compareceu às provas acrescido do dia do mês em que a consulta foi feita.

Determine uma combinação de letras que o sistema pode ter apresentado quando consultado após as falhas.

SEÇÃO DE POESIAS

autor desconhecido

Não tinha papel (é o banheiro do DCE)
e tinha uma mariposa no vaso (banheiro do DCE)
que eu matei sem misericórdia (me perdoa, mariposa)

~~bon~~ boa tarde a todos

Sobre carta da Comissão de Recepção

por anônimo

O texto a seguir foi enviado via o forms de contato do BoletIME e não necessariamente condiz com a opinião do corpo editorial

As Gincanas da Semana de Recepção do IME é um evento que ocorre todo início de ano, e sempre conta com a participação de veteranos e calouros em uma série de atividades, palestras e jogos projetadas para enturmar a calourada e fazê-la conhecer os espaços do IME e da própria USP. Organizada pela Comissão de Recepção, um tema é sempre decidido no ano anterior para o ano consequente. Em 2022, o tema escolhido foi Shrek; em 2023, foi Scooby-doo; e assim por diante. Para acomodar as temáticas escolhidas, são feitas identidades e dicas visuais usando tanto figuras em si de cada tema, como também cores que representam o tema. Além disso, as atividades programadas e todo aparato adjacente das atividades - premiação, nome da atividade, formato, etc - também acompanham a temática escolhida.

Neste ano de 2024, a Comissão acabou por optar na escolha do tema de Kung Fu Panda, aproveitando o esperado lançamento do quarto filme da franquia nos cinemas. Por se tratar de uma franquia que, de muitos modos, possibilita uma aproximação com a ideia de “Kung Fu na visão do Ocidente”, e existem nela elementos que inevitavelmente podem remeter ao senso-comum sobre o que é Kung Fu, o que é China, e principalmente no reforço de uma ideia visual de “Oriente-extremo” como um todo quando se toma uma visão descuidada na sua interpretação. Para isso, basta observar como a filosofia de Kung Fu é retratada em peças de mídia chinesa e em Kung Fu Panda.

A partir de contos, poemas e histórias dentro dos vários universos literários chineses, a ideia de Kung Fu é retratada de maneira a não glorificar violência e tecnicidades. Kung Fu, na literatura chinesa, é interpretado como um estado de ser que foca na iluminação intelectual. A própria palavra Kung Fu no seu sentido literal não sugere estritamente luta, mas sim “fundamentos” - para qualquer coisa -. A sua tradução ao pé da letra pode ser entendida como “habilidade” ou “saber de algo”, ao ponto do termo ser usado como expressão para alguém habilidoso: “Uau! Você realmente dedicou kung fu nos estudos!”.

Em contraste, Kung Fu Panda parece inevitavelmente seguir o tropo hollywoodiana do Escolhido: um herói inserido em um mundo estranho, conhece um mentor, descobre aliados, e combate o mal. Aqui, Kung Fu é visto como um conjunto de técnicas que necessariamente existem para aperfeiçoar a fisicalidade da luta e somente: os Cinco Furiosos são reverenciados pela sua agilidade, força e ferocidade, e são de fato tratados como estrelas de filme; e o Po é visto como um instrumento para derrotar o vilão. Assim, Kung Fu Panda não é um filme sobre a China.

É nesse contexto que a Comissão de Recepção 2024 escreve no Relatório da Semana de Recepção aos Calouros enviado à pró-reitoria que “[...] Logo após tais premiações, a equipe com a maior pontuação obtida ao longo da gincana foi premiada com macarrão instantâneo e hashi, muito comuns na culinária chinesa, fazendo assim referência a temática da semana de recepção Kung-fu Panda [...]”.

Por um, o relatório dá a entender que existe uma unicidade na culinária chinesa, que não condiz com a realidade. Hoje, são oficialmente reconhecidos pelo Estado da República Popular da China 56 do que ficou traduzido como “etnias” dentro do seu território continental, e a sua diversidade se mostra em todos os aspectos possíveis: desde cultural, religioso, fenotípico e, claro, alimentar. Enquanto que os Han fazem o consumo normal de carne suína, por exemplo, os Hui - que representam, a depender da província, até 90% da população local - não fazem por ser uma etnia tradicionalmente islâmica-sunita. Nesse sentido, é um erro assumir que existe somente uma China, pois de fato existem várias “Chinas”, sendo esta uma análise necessária a se ter consciência.

Em segundo plano, o aspecto mais gritante ao afirmar que macarrões instantâneos são “muito comuns na culinária chinesa” é o reforço dos estereótipos construídos ao longo da história sobre aquilo que se entende por China no Brasil, agravado pela ideia do uso de Hashi. Claro que macarrões são consumidos na China, e constitui um dos pilares alimentares das várias culturas que coexistem e intersectam, e de fato utensílios parecidos com Hashi são usados. Porém, a maneira como macarrões instantâneos existem no Brasil não é um reflexo fiel do alimento consumido na China, tampouco o uso do termo Hashi demonstra uma preocupação em entender a origem do termo no contexto histórico brasileiro quanto à vinda e presença desses imigrantes. Foi ignorada, nesse aspecto, a existência de erros fundamentais de coerência histórica e

linguística. O macarrão instantâneo encontrado nos mercados de hoje é uma invenção japonesa - fato verificável com uma rápida busca de 4 segundos -. O termo “Hashi”, também, é a transliteração japonesa para o utensílio. Claro que, mecanicamente, Hashi e Kuaizi são muito parecidos. Mas conceitualmente e, de certa forma, culturalmente não são, uma vez que a linguagem não é neutra. O fato do utensílio ser oficializado no Brasil como Hashi e não Kuaizi ou Jeotgarak vem de uma disputa histórica pelo domínio da narrativa sobre quem define o que é o “oriental”. Não à toa que na Zona Central de São Paulo existe a Praça da Liberdade África-Japão que, além de colocar África como em igual status de país justaposta ao Japão, faz parecer que existe uma predominância japonesa na região - o que não é verdade -.

Tudo isso e outros problemas são, em essência, frutos de uma análise inefetiva da franquia que foi usada como tema para a Semana. Assim, retoma-se a discussão sobre Kung Fu Panda não ser um filme sobre a China: a franquia nunca se propôs a ser. A construção de mundo e narrativa em Kung Fu Panda é, nas palavras do co-diretor do primeiro filme John Stevenson, “[...] Vamos fazê-lo um filme de artes marciais de verdade, um que tenha um personagem cômico [...]”. Kung Fu Panda, em essência, é uma carta de apreciação que os produtores dedicaram aos filmes de Kung Fu - filmes estes que os próprios produtores cresceram assistindo -; e nisso, Kung Fu Panda se mostrou detalhista e respeitável quando, ao longo da franquia, são usadas de maneira respeitosa referências cinematográficas que trazem memórias do que a indústria cinematográfica de Hong Kong uma vez foi. O design de Po é, para além da quebra da ideia de que somente o mais fisicamente apto pode praticar lutas, é também uma referência ao cinema de Sammo Huang; muitas cenas fazem uma releitura de Kung-Fusão de Stephen Chow; o uso livre de objetos como parte da luta é uma referência ao humor de Jackie Chan.

Sobre isso, a Comissão cometeu um erro de leitura ao entender Kung Fu Panda como “China”, agravado pelo uso de elementos que flertam com um processo histórico de racismo. A própria fonte utilizada nas artes e postagens evocam um senso de “orientalidade” através de uma espécie de reinterpretação de traços da escrita chinesa adaptados para escrever o alfabeto latino. Dentro do design gráfico, esse tipo de fonte é chamado de “fontes wonton” ou “fontes chop-suey”, um sub-gênero da família de “fontes étnicas”, desenhadas para criar uma identidade visual que seja associada a grupos étnicos específicos: como a fonte que evoca uma ideia de “África” usada nos cartazes para O Rei

Leão - O Musical. É a equivalência escrita de sotaques estereotipados, ainda mais considerando a origem indubitavelmente reducionista de fontes chop-suey e da maneira como a associação da identidade chinesa a essas fontes serviram de aparatos para terceirizar e desumanizar estes imigrantes ao longo dos séculos XVIII, XIX e XX. Nisso, vale a pena notar que Kung Fu Panda não faz o uso desse tipo de fonte em seus cartazes.



“Gang of Three”, exemplo de uma fonte chop-suey

Assim, percebe-se que, para além de ter um olhar mais sensível de entender as nuances históricas e entender que linguagem não é só o texto pleno que foi escrito, mas também a sua apresentação estética, é importante, também, fazer uma interpretação mais acurada das obras e franquias que virão a ser temas quando envolve algum elemento que não seja familiar aos membros da Comissão, seja este uma cultura nova, uma identidade nova, um visual novo; de ter a paciência de perguntar e entender: o que essa obra realmente quer dizer?

Novo projeto acadêmico para o próximo ciclo

O projeto acadêmico é um documento estratégico, norteador das ações do instituto e departamentos dentro de um ciclo. Como dispõe de uma análise conjuntural da unidade e estipula metas a serem alcançadas através de atitudes pontuadas como necessárias, o projeto acadêmico permite, ao final do ciclo, a realização de um balanço da atuação institucional e docente naquele período. Ou seja, este documento não é meramente técnico, mas *político*.

A USP está no momento de reformulação do projeto acadêmico das unidades - e o IME USP não é isolado disso. Na semana, o representante discente na Comissão de Graduação recebeu o rascunho inicial - o qual iremos disponibilizar ao lado - das metas sugeridas para o próximo ciclo de 5 anos do instituto, tendo o prazo de 9 de junho (segunda-feira) para apresentar propostas de alteração ou supressão. Posteriormente, o projeto consolidado na CG passará para a Congregação, onde novamente teremos possibilidade de intervenção.

Fazemos, então, um chamado à comunidade IMEana para realizarmos um balanço das metas postas no ciclo anterior e o quanto, na visão dos estudantes, o instituto avançou ou não. E mais, colocarmos as nossas ponderações, propostas e críticas às metas rascunhadas para o próximo ciclo.

REUNIÃO ABERTA

Revisão do Projeto Acadêmico

**06 de junho (quinta-feira)
às 17h | Saguão do Bloco B**

Formulário para Colaboração



Rascunho das metas - CG



Projeto Acadêmico vigente



DCE Livre da USP: chapa Fazer Valer a Luta eleita para o mandato 2024/2025

Vulgarmente definido como “é como um CA, só que pra USP toda”, o Diretório Central dos Estudantes (DCE) Livre Alexandre Vannucchi Leme é a entidade representativa do corpo discente da Universidade de São Paulo, e isso inclui os estudantes de graduação e pós-graduação dos oito campi da universidade. A entidade tem por função organizar politicamente os estudantes entorno da disputa do projeto de universidade e de país, como também promover atividades acadêmico-culturais.

A gestão do DCE Livre da USP é eleita anualmente, com urnas abertas durante três dias, em dezenas de institutos, para garantir a ampla participação da comunidade estudantil. No ano passado, devido a greve de 2023, o Conselho de Centros Acadêmicos (CCA) encaminhou o adiamento das eleições para o primeiro semestre deste ano (vide BoletIME #6).

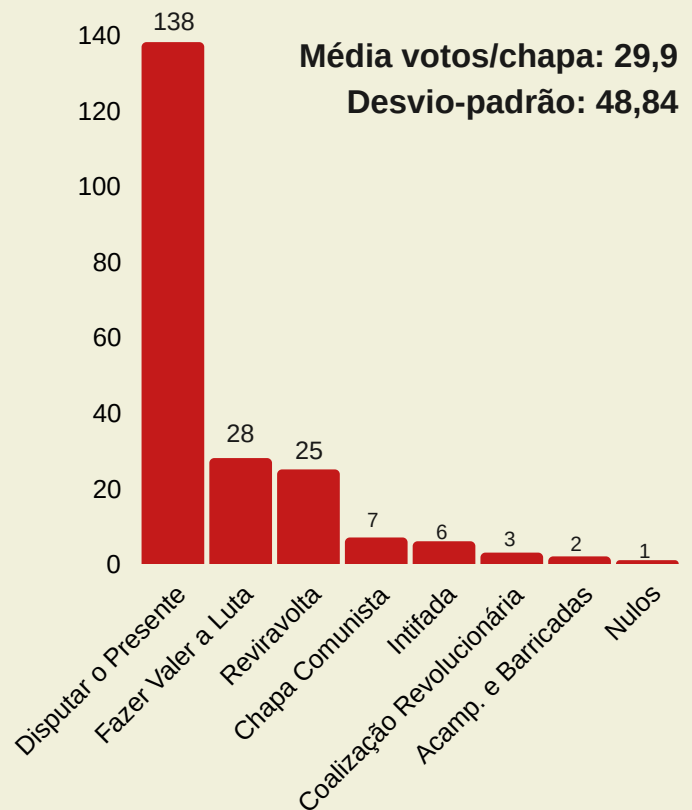
A votação aconteceu nos dias 27 a 29 de maio e contabilizou 8.941 votos válidos e 47 votos nulos. Na tarde de 30 de maio foi feita a apuração na sede do DCE Livre da USP. Veja como ficou o resultado:



Ainda, o resultado das eleições é utilizado na distribuição das cadeiras de representação discente nos órgãos colegiados centrais. A construção da chapa “Unidade Estudantil” é feita proporcionalmente entre as forças políticas concorrentes ao DCE Livre da USP de acordo com os votos totais obtidos na eleição da entidade.

E a urna do IME?

A urna do IME contabilizou 209 votos válidos e 1 voto nulo, e os votos ficaram distribuídos da seguinte forma:



PARA COMPARAR

ELEIÇÕES 2022 - DCE LIVRE DA USP

Quórum 10.049

É Tudo Pra Ontem - 6.214

Por Todos os Cantos - 1.145

Nossa Voz - 1.141

USP Sem Medo - 825

Envolver - 313

Quebra das Correntes - 175

Retomada - 87

USP Pública, Gratuita e Para Todos - 61

Lula Presidente - 47

Nulos - 41